

Origens da igreja evangélica no Brasil: o movimento congregacionalista e o protagonismo de Robert Reid Kalley na capital do Império

Origins of the Evangelical Church in Brazil: the Congregationalist movement and the role of Robert Reid Kalley in the capital of the Empire

*José Roberto Bonome**

*Fernando Lemes***

Resumo

O artigo trata da implantação da primeira igreja evangélica de idioma português no Brasil, a partir da atuação do médico escocês Robert Reid Kalley e sua esposa Sarah Poulton Kalley, protagonistas do movimento congregacionalista em meados do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro. Conciliando pregação bíblica com ação social nas áreas da saúde e educação, a Igreja Evangélica Congregacional mudaria o percentual da hegemonia católica em território nacional. Se inicialmente o congregacionalismo, através de seus pioneiros, foi contestador da situação social, no transcorrer da sua história não manteve o mesmo discurso. É de se observar, porém, que durante o estabelecimento da primeira igreja evangélica no Brasil, esteve ao lado de líderes políticos e do poder econômico a fim de garantir, sobretudo, a liberdade de culto. Se o evangelho não deixou de ser pregado dentro de parâmetros racionais, isto indica que o público alvo do discurso congregacionalista era a elite econômica e culta, provavelmente como estratégia para influenciar os formadores de opinião na capital do Império.

Palavras Chave: Igreja Evangélica. Congregacionalismo. História da Religião.

Abstract

The aim this article is to study the implementation of the first Evangelical Church of the Portuguese language in Brazil, from the work of the Scottish physician Robert Reid Kalley and your wife Sarah Poulton Reid Kalley, protagonists of the congregational movement of the 19th century on the city of the Rio de Janeiro. Reconciling biblical preaching with social action in health and education, the Congregational Evangelical Church would change the percentage of Catholic hegemony in the national territory. If initially the Congregational Church, through yours pioneers, was disruptive of the social situation, during your story has not kept the same speech. However, during the installation of the first Evangelical Church in Brazil, it was alongside political leaders and economic power in order to ensure, in particular, the freedom of worship. If the Gospel may be preached within rational limits, this indicates that the target audience of the Congregationalist speech was, above all, the economic elite and cultured, probably as a strategy to influence the opinion leaders in the capital of Empire.

Keywords: Evangelical Church. Congregational Church. Religion History.

* Doutor em Estudos Comparados das Américas (UnB). Professor do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA) e da Faculdade de Direito Raízes. E-mail: bonomee@bol.com.br

** Doutor em História pela Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris 3. Professor do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Coordenador do Núcleo de Pesquisa Científica da Faculdade de Direito Raízes. E-mail: fernando.lemes@ueg.br

Introdução

No cenário brasileiro, os diversos segmentos religiosos ligados ao protestantismo, especialmente o protestantismo na vertente evangélica, estão de algum modo ligados ao movimento promovido pelos missionários estadunidenses a partir do final do século XIX. Nesse particular, cabe ressaltar a distinção que se faz das igrejas protestantes clássicas, tais como as Luteranas, as Metodistas, a Anglicana, dentre outras, que vieram para o Brasil com a intenção de trabalhar com os imigrantes europeus de língua alemã ou inglesa. Diferente delas, o movimento congregacionalista tornou-se a primeira igreja evangélica a ser implantada no país – instalando-se aqui como Igreja Evangélica Congregacional – com semelhanças e diferenças dos congregacionais europeus e estadunidenses (Braga; Grubb, 1932). Nascido com a Reforma Protestante, o congregacionalismo foi organizado por Robert Browne, a partir de 1582, durante o reinado de Isabel I na Inglaterra. O congregacional é também conhecido por “separatista” ou “brownista”, muito embora não possa ser identificado no Brasil com esses grupos. Depois de sofrer modificações no transcorrer da história, algumas teses características da Igreja permaneceram. A autonomia da igreja local é das mais fortes e talvez a única que guarda características mais específicas enquanto um ramo das igrejas reformadas herdeiras do movimento reformista suíço (Schlesinger; Porto, 1983; Mendonça; Velasques Filho, 1990).

A importância histórica do movimento congregacionalista brasileiro está no pioneirismo do protestantismo de matriz evangélica em território nacional. Foi a primeira denominação a fazer uso, no interior da filosofia protestante, da evangelização – educação religiosa, hinos e cânticos, cultos e cerimônias – em língua portuguesa, visando, especificamente, a “conversão” de grupos locais de origem nacional. Décadas mais tarde, os resultados alcançados por aquele movimento de evangelização foram notáveis.

Ainda que até a década de 1930 os pentecostais não estivessem indicados nas pesquisas realizadas por Erasmo Braga e Kenneth Grubb (1932), Antônio Flávio Pierucci (2004), a partir de dados produzidos pelo IBGE, mapeou, durante um período de sessenta anos (1940-2000), o crescimento dos grupos de devotos no Brasil, resultado, segundo o autor, da fragmentação do cenário religioso. Seus dados indicam um crescimento vertiginoso do número de evangélicos, que aumentou consideravelmente ao longo do período (Tabela 1). Dados mais recentes

publicados pelo IBGE (2010) indicam a ampliação do número de grupos evangélicos que chega a atingir a marca de 22,2% da população, o que representa cerca de quarenta milhões de pessoas adeptas desse segmento religioso.

Tabela 1. Religião no Brasil de 1940-2000

Religião	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000
Católicos	95,2	93,7	93,1	91,1	89,2	83,3	73,8
Evangélicos	2,6	3,4	4,0	5,8	6,6	9,0	15,4
Outras religiões	1,9	2,4	2,4	2,3	2,5	2,9	3,5
Sem religião	0,2	0,5	0,5	0,8	1,6	4,8	7,3
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: (PIERUCCI, 2004)

1. Assistência missionária e a alta mortalidade na capital do Império

Durante o período imperial, o Brasil enfrentava diversas dificuldades, sobretudo na área da saúde (a ausência de saneamento básico e a incidência de epidemias eram problemas frequentes e estruturais). Visando enfrentar tal situação o governo imperial buscou estimular a vinda de profissionais do exterior, sobretudo de especialistas na área de saúde, que ajudassem a tratar os doentes, principalmente, na cidade do Rio de Janeiro, capital do Império. Neste aspecto, as necessidades brasileiras vieram ao encontro do anseio missionário do médico escocês Robert Reid Kalley que, conjugando atividades profissionais e interesses religiosos, deu início ao funcionamento da igreja evangélica no Brasil.

De fato, em meados do século XIX, a população do Império convivía cotidianamente com a morte, que atingia índices extremamente elevados. Antes do ano 1900 a mortalidade brasileira situou-se sempre acima das 40 ou 45 mortes anuais para cada mil habitantes. Hoje estes níveis giram em torno de dez falecimentos por mil habitantes (Marcílio, 1983).

Na cidade do Rio de Janeiro, o mais importante reduto urbano do Império, encontramos uma população cuja taxa de mortalidade superava sempre os índices de natalidade. Nas palavras de Marcílio, "sistematicamente, ao longo de toda a

década de 1830, o número de mortes superou a quantidade de nascimentos” (Marcílio, 1983, p. 381. Tradução dos autores). Dados coligidos pela mesma autora apontam para 1850, no Rio, um quadro absolutamente aterrorizante: 11.192 mortes para apenas 5.817 nascimentos.

Apesar disso, a cidade não parava de crescer e sua população aumentava a cada ano graças à entrada massiva de escravos provenientes da África e de outras províncias do país, ao incremento contínuo da imigração europeia e dos habitantes de outras partes do Brasil (Marcílio, 1983). Esse crescimento constante, entrecortado pelo aumento populacional ininterrupto, apenas contribuía para agravar ainda mais a situação da cidade, cujas condições sanitárias eram deploráveis e as medidas tomadas pelo governo imperial sempre insuficientes.

Diante dessas condições, marcada pela morte, pela morbidade cotidiana, a cidade do Rio de Janeiro inspirava o horror. A mortalidade infantil nos dá a medida da situação: em 1859, a proporção de recém-nascidos mortos antes do primeiro aniversário era de 359 por 1.000; a taxa dos que faleciam antes dos cinco anos atingia 604 por 1.000. Em 1871, a mortalidade de crianças menores de cinco anos atingiu a 578 por 1.000; em 1875 a 645, e em 1877 a 604. "Um verdadeiro genocídio de crianças!", exclama Marcílio (1983, p. 315. Tradução dos autores).

Em 1850, pouco antes da chegada do médico e missionário Reid Kalley, um verdadeiro flagelo se abateu sobre a corte do Império. Uma epidemia de febre amarela comprometeu o funcionamento e a organização da cidade. Naquele ano, a forte incidência da febre atingiu provavelmente a totalidade das famílias do Rio de Janeiro. Seus estragos e consequências podem ser imaginados: de uma população total de 266.466 habitantes, mais de 1/3, ou seja, cerca de 94 mil pessoas, foram prostradas nos leitos de suas casas e hospitais da cidade. As mais de quatro mil mortes, ao longo dos oito meses em que persistiu a epidemia, foram responsáveis por quase 40% da mortalidade total computada para o ano de 1850 (Lemes, 2014).

Some-se a esta situação estrutural o drama provocado pela epidemia que devastava a cidade. Frente às limitações da arte médica, que desconhecia as causas, e do resultado praticamente nulo dos tratamentos disponíveis, ante a extensão assustadora do flagelo, quantas preces e penitências não foram elevadas aos céus? Testemunha dos acontecimentos, Roberto Avê-Lallemant, médico da enfermaria dos estrangeiros da Santa Casa de Misericórdia, lembra a avidez da epidemia. Em suas palavras, "[...] a morte entrava para a câmara dos deputados,

introduzindo-se nas veneráveis fileiras do Senado e, ousada, tomou acento até no meio do Conselho de sua Majestade Imperial" (Avé-Lallemant, 1851, p. 9). Com efeito, prossegue o médico, "[...] era na maior força da epidemia que as procissões noturnas iam pelas ruas implorando a misericórdia de Deus!" (Avé-Lallemant, 1851, p. 152). Assim, movidos pelo medo e pela visível degradação das condições do ambiente cotidiano, aflitos, os homens buscavam por todos os meios um remédio. Se não humano, divino.

Foi este o cenário encontrado por Robert Reid Kalley ao desembarcar no Rio de Janeiro. Diferente dos luteranos, os congregacionais não objetivaram oferecer, em primeiro lugar, assistência aos imigrantes europeus, embora o fizesse, mas cuidar dos enfermos brasileiros. Reid Kalley trazia consigo uma visão missionária e usou seus conhecimentos na área da medicina como meio para se aproximar da população local. E, naquele momento, encontrou apoio político especialmente entre os grupos ligados à maçonaria (Bonome, 1993).

2. O protestantismo evangélico no Brasil e a trajetória do missionário Reid Kalley

O grupo de origem de Reid Kalley, seus problemas com o presbiterianismo e os ideais motivadores para a formação no Brasil de uma igreja independente, são aspectos profundamente associados ao congregacionalismo, cujas diversidades no interior de um dos ramos do protestantismo evangélico, faz dele, talvez, o mais difícil de ser estudado, já que implica na identificação de uma vasta gama de grupos distintos. Dentre os diversos grupos de igrejas "autônomas", a Igreja estabelecida por Robert Reid Kalley e sua esposa Sarah Poulton Kalley, em 1855, no Rio de Janeiro, teve papel de destaque na história da constituição das igrejas evangélicas no Brasil. (Cardoso, 2001; 2005)

Antes, porém, Michel Testa registra o ministério antecedente de Reid Kalley na Ilha da Madeira. Ali os congregacionais foram perseguidos pelos adeptos do catolicismo romano. Forçados ao exílio foram recebidos pelos congregacionais de Illinois e de Nova Iorque, nos Estados Unidos, em 1855. Tal fato se deu pela campanha efetivada por Reid Kalley entre os congregacionais de Illinois pouco tempo antes, em 1853. (Testa, 1963)

Pouco depois, o casal Kalley chegava ao Brasil, proveniente da Escócia. O vapor *Great Western*, da *Royal Mail Lines*, que zarpara do porto de *Southampton* em nove de abril de 1855, aporta em Pernambuco a três de maio, chegando à cidade do Rio de Janeiro no dia dez de maio daquele mesmo ano. Durante a viagem, o encontro do casal com deputados e senadores brasileiros que estavam a bordo do navio contribuiria para entrada do evangelho protestante na corte do Rio de Janeiro, bem como nas lutas de bastidores com a religião católica. Aquela oportunidade desencadeou a aproximação do casal com indivíduos ligados à elite política local fortemente influenciada pelos ideais iluministas que reverberavam nos espaços públicos da capital do Império. Neste aspecto, se almejavam de algum modo a liberdade religiosa, tal fato não ocorria devido à simpatia que nutriam pelo protestantismo, mas, simplesmente, por que aspiravam e defendiam publicamente ideias associadas à liberdade de expressão.

João Gomes da Rocha, filho adotivo dos Kalley, relata a história do início da Igreja Congregacional no Brasil descrevendo em suas lembranças as condições precárias à época da implantação desta igreja no Rio de Janeiro.

De acordo com Rocha, o quadro de insalubridade generalizada da cidade, a quase inexistência de médicos e o anseio das elites locais pelo estilo de vida anglo-saxão, foram fatores que atuaram a favor da permanência do casal Kalley no país (Rocha, 2013). Em que pese não ter obtido o mesmo sucesso junto à população iletrada da cidade, este ambiente influenciado por aspirações que indicavam o desejo de modernização do Império aos moldes europeus tornou-se o espaço por excelência para a propagação do discurso racional do médico evangelista escocês.

Na verdade, a tese, embora já questionada, de que os países protestantes eram mais desenvolvidos que os países católicos, estava presente no imaginário dos grupos que compunham a elite brasileira durante o Império (Hahn, 1989). O estilo de vida anglo-saxão era fomentado pelas viagens realizadas por brasileiros à Europa ou Estados Unidos. Nestes países protestantes observavam o avanço do mundo capitalista associado às condições e às novidades produzidas pela modernidade, bem como os benefícios trazidos pelas ideias que propagavam o triunfo do mundo pós-Revolução Francesa.

Do ponto de vista econômico, se em 1850 a indústria do algodão na Nova Inglaterra sofria uma alarmante expansão, no Brasil o capital inglês investia na construção de estradas de ferro e exportava produtos até dispensáveis para o brasileiro.

Conforme José Roberto Bonone (1993), em algumas lojas do Rio de Janeiro podiam-se encontrar até mesmo equipamentos utilizados para a prática da patinação no gelo.

O Brasil, oficialmente católico, abrigava uma elite que se sentia atraída pelo progresso inglês e norte americano. Por outro lado, o positivismo de Auguste Comte, cujos pressupostos firmavam-se na Razão, resvalando num discurso que pregava a “religião da humanidade”, se insinuava como crença religiosa de parte importante dessa elite imperial. Diante deste quadro, o discurso de Reid Kalley, aproximava-se desse humanismo “comtiano” de pressupostos racionais.

Talvez um dos grandes “ganchos” aproveitado pelo médico evangelista para alavancar sua missão em terras brasileiras estivesse exatamente calcado no imaginário dessa elite desejosa de conquistar a liberdade de acumular riquezas e consumir produtos industrializados, provenientes especialmente dos países protestantes. Por isso necessitava da justificação através de um discurso de caráter religioso, algo impraticável no discurso católico, centrado na exaltação da pobreza como objetivo de vida espiritual. Por essa via, os interesses dessa elite convergiam no sentido de reforçar a presença de Reid Kalley enquanto conveniência ideológica. Neste sentido, não tiveram, regra geral, qualquer comprometimento com o evangelho pregado pelo médico missionário (Reily, 1984).

3. Os “Apóstolos do Brasil” e a perseguição ao protestantismo emergente

Ao mesmo tempo, a Igreja Católica preocupava-se em não perder o monopólio religioso do sagrado. Pressionava líderes do protestantismo emergente e atacava com ameaças verbais a grupos pertencentes à elite carioca que esboçavam qualquer tipo de apoio ao trabalho de Reid Kalley. A respeito dessas pressões, Emile-Guilahume Léonard (2002) afirma que Kalley ameaçou ir à Escócia e denunciar para a opinião pública internacional a ausência de liberdade religiosa no Brasil. A esse respeito, Macedo Soares afirmava, em 1879, “que a liberdade religiosa, reconhecida, garantida e restringida pela nossa lei”, não acontecia de fato. Em que pese a permissão legal para realização de cultos domésticos pertencentes a outras religiões ou denominações, a tese do magistrado é que na prática a autorização constitucional significava não liberdade religiosa (Soares, 1879, p.43). João Gomes da Rocha também dizia que a legislação à época desautorizava reuniões que promoviam o ajuntamento de mais que dez pessoas e que Reid Kalley não recebia apoio de Souza Franco, então presidente da Província,

sendo que a polícia não intervinha contra os que apedrejavam a casa nos dias de reuniões de oração (Rocha, 2013). Contudo, o editor do jornal “O Fluminense” oferecia proteção ao casal Kalley, indicando que membros da elite intelectual combatiam a prática da perseguição religiosa durante o período imperial, o que parece reforçar a tese da convergência de interesses por parte de grupos locais quanto à permanência de religiões não católicas na cidade, objetivando o enfraquecimento do monopólio religioso por parte da Igreja Católica.

Certamente, o ministério do casal Kalley estimulava o enfrentamento contra as tradições de uma sociedade cujas instituições estavam fundamentadas na escravidão. Não poucas vezes, sua prática missionária se posicionava contra preconceitos e discriminação comuns à sociedade escravocrata, incitando reações adversas. Exemplo disso, era a formação de salas de aula, “composta de homens de cor, com os quais conversava a respeito das Escrituras” (Rocha, 2013, p. 33). Por sua vez, Sarah Kalley – reconhecida hinista no meio evangélico culto, tendo produzido o suficiente para que o protestantismo brasileiro fosse influenciado por seus hinos, contribuindo para a unidade dos evangélicos até as primeiras décadas do século vinte – deu início à primeira escola dominical permanente no país e foi tão forte sua influência que, quando a igreja fundada pelos Kalley celebrou seus setenta e cinco anos de organização, as comemorações foram associadas ao aniversário de fundação da escola dominical (Hahn, 1989).

Foi ali, como informa Rocha, que “entoou-se pela primeira vez no Brasil hinos evangélicos no idioma português” (Rocha, 2013, p. 196). Neste aspecto, o conflito a respeito do uso ou não da antiga versão escocesa dos Salmos, ou das versões mais recentes, aconteceu entre os presbiterianos americanos, dividindo-os, não se transferiu para o Brasil. O Salmos e Hinos, hinário resultante das traduções feitas pelo casal Kalley, dominou as igrejas brasileiras das diversas confissões evangélicas por mais de um século de atividades missionárias (Hahn, 1989). A importância do hinário se dá pelo fato de que nas primeiras décadas não havia pastores formados em faculdades de teologia ou seminários no Brasil, quando se cantava vinte ou trinta estrofes de um hino – o que substituiu parcialmente a necessidade da pregação. De acordo com Fernandes Braga,

Como é natural, e assim se verificou tanto no Catolicismo quanto no Evangelismo em nossa Pátria, a maior parte das peças sacras de início entoadas nos serviços religiosos foram aquelas pertencentes ao repertório internacional. Traduziram-nas para o português o Dr. Roberto Reid Kalley e D. Sara Poulton Kalley,

plantando, assim, os marcos iniciais da hinologia evangélica no Brasil, no que foram seguidos por Henrique Maxwell Wright e muitos outros (1961, p. 27).

Por tais atitudes e pelo pioneirismo, os Kalley são reconhecidos entre os congregacionais como “Apóstolos do Brasil” (César, 1983).

Com a ampliação da pressão por parte da Igreja Católica contra os cultos protestantes – pressionando, inclusive, lojistas para que não vendessem exemplares da Bíblia nos seus estabelecimentos – apertava-se o cerco aos apóstolos do Brasil, levando os Kalley a afirmarem que seus cultos eram domésticos e que, contingencialmente, os constantes ajuntamentos e mesmo a comemoração da morte e ressurreição de Jesus, através da repetida encenação da última ceia, não continham a aparência de sacramento, nem a sugestão de “presença especial do Senhor”.

Assim, em função dos conflitos e perseguições, os ritos religiosos deveriam ser realizados com muita discrição. Mesmo porque, se havia autorização legal para os não católicos expressarem suas crenças religiosas, os templos não podiam ter a aparência arquitetônica de templo, os mortos não podiam ser sepultados nos mesmos cemitérios, os casamentos não eram reconhecidos. Neste ambiente, católicos eram incitados a perseguir protestantes. Tal era a influência institucional e cultural do catolicismo que buscava impedir, através de diferentes estratégias, a manifestação e a expansão de outras expressões religiosas no país (Tarsier, 1936).

Nesta atmosfera marcada pela violência religiosa, Robert Reid Kalley vivia continuamente em conflito consigo mesmo. Às dificuldades impostas pelo caráter comum das agitações religiosas no cotidiano da cidade, somava-se um conflito de outra natureza, derivado de sua própria ordenação não institucional: Kalley havia sido ordenado por pastores de outras denominações. Ordenação feita às escondidas.

Outro fator que parece ter embaraçado o missionário Reid Kalley na divulgação do evangelho foi o seu curso de medicina, de caráter, evidentemente, científico e racional. Além disso, visitava com frequência os políticos da corte (Rocha, 2013). Tanto a sua linguagem, por ser técnica, quanto as visitas a políticos e empresários, comprometiam sua aproximação dos habitantes mais pobres do Rio de Janeiro. A linguagem técnica não era entendida pela população mais simples que, sem escola ou saúde, aceitava-o como médico caridoso e atencioso. Após suas consultas gratuitas, o apelo à participação no culto e escola dominical era certo e,

sobretudo para quem estava grato com a atenção do doutor, um convite difícil de recusar.

4. Consolidação do congregacionalismo e a propagação do imaginário evangélico

Assim, o trabalho evangélico que começava no Rio de Janeiro, ia adaptando-se ao contexto brasileiro e a prudência de Reid Kalley, bem como as conexões sociais que estabeleceu, preparou o caminho e possibilitou a chegada ao Brasil de outras denominações protestantes. Muito provavelmente, se Reid Kalley se submetesse às normas da missão presbiteriana e fosse aceito por tal missão, o presbiterianismo no Brasil teria, certamente, uma história diferente.

Contando com seus próprios recursos, Reid Kalley procurou auxiliar a população carente do Rio de Janeiro. Kalley exercia a medicina e Sarah era proveniente de família abastada. Portanto, o casal não dependia do sustento financeiro das missões estrangeiras, nem dos recursos do Império. Assim, enquanto a religião oficial pressionava o governo para obter benefícios financeiros para sua expansão, o casal Kalley usava dos seus recursos e da medicina para a evangelização. Testa faz referência a colportores mantidos às expensas de Reid Kalley. Segundo o autor, em novembro de 1855 prestou assistência aos pobres vitimados pelo Cólera, na cidade de Petrópolis. Em julho de 1858 serviu gratuitamente no combate a outra epidemia da Febre Amarela. Segundo, ainda, Testa, “Um exemplo notável [de assistencialismo] foi o grande salão arrendado na Travessa das Partilhas, onde instalou uma missão de socorro, a fim de resgatar degenerados e criminosos do Velho Rio [de Janeiro] Colonial” (1963, p. 97). Porto Filho registra algo interessante a respeito desse assistencialismo. Segundo ele, Kalley ajudava com frequência “A classe dos mais pobres, a quem atendia graciosamente, muitas vezes pagando ele próprio o preço dos remédios” (Filho, p. 32). Conforme este autor, o médico missionário também fundou escola pagando do próprio bolso os professores. Utilizando como livro texto a Bíblia, alfabetizava seus alunos. Esse era seu método (Filho, p. 37).

Os congregacionais são então incentivados a organizarem centros de evangelização que atraíam os moradores da cidade. Procuravam dar exemplos através de seu modo de viver o evangelho. Ao atender um paciente, por exemplo, Reid Kalley escrevia em seu receituário versículos da bíblia que, provavelmente,

seria lido pelo farmacêutico. Outro exemplo, diz respeito ao esforço para publicar no jornal *Correio Mercantil* assuntos evangélicos, tais como a imortalidade e a salvação da alma. Propositadamente, excluía de seus textos assuntos polêmicos que pudessem ferir o catolicismo como, por exemplo, questionamentos a respeito da devoção aos santos, críticas à infalibilidade papal ou mesmo a posição da Igreja Católica quanto ao seu método institucional de interpretação da Bíblia – colocando-a depois da tradição e não antes, como no método protestante.

Na visão de Kalley a distribuição dos textos sagrados se fazia necessária, pois assim o povo poderia ler e aprender, através de suas próprias reflexões, as verdades evangélicas. Segundo Velasques Filho (1990), o protestantismo brasileiro expandiu-se graças ao trabalho de colportagem bíblica que abriu as fronteiras mais distantes do interior brasileiro. Acreditava-se que ao distribuir bíblias lançava-se no solo (coração das pessoas) a semente do Evangelho (Palavra de Deus). Para Reid Kalley a simples leitura da bíblia seria suficiente para possibilitar a conversão, isto é, deixar o catolicismo romano e aderir ao protestantismo. Protestantismo que propunha, nos termos weberianos, um novo *ethos*, cuja influência promoveria a aceitação de uma nova prática e um novo discurso religioso (Bonome, 1993).

Neste aspecto, a escola dominical e a colportagem da bíblia são dois elementos que se completaram ao longo da história do protestantismo como duas faces de uma mesma moeda – ambas contribuíram para a propagação do imaginário evangélico de origem europeia via Estados Unidos. O evangelho aqui implantado pelo casal Kalley dizia respeito aos movimentos *Revivals* (avivados) dos europeus protestantes, mas especialmente aquele segundo a formulação teológica e ideológica norte-americana. Para a divulgação dessa perspectiva do protestantismo no Brasil Reid Kalley utilizou-se de publicação na imprensa, especialmente jornais, de mensagens evangélicas, traduções de livros como o de João Buniam (*O Peregrino*), distribuição de literaturas, folhetos, cópias de sermões, visitas sociais de cunho evangelístico, reuniões domésticas diárias, assistência social (principalmente na área da saúde), versículos bíblicos nas receitas, respostas a polêmicas racionalistas sobre questões teológicas veiculadas nos jornais da época e placas (outdoors) nos bondes.

Por outro lado, conforme Hahn (1989), embora os Kalley tenham permanecido congregacionais, seu trabalho foi grandemente influenciado pelos *Plymouth Brethren*.

Conhecidos como Irmãos de Plymouth, inspiraram Reid Kalley no padrão de vida e na maneira simples de conduzir o culto público. Kalley não aceitava deles o anticlesiasticismo e nem seu extremo individualismo. Para Testa (1936), Kalley era alheio a estreitos denominacionalismos e a fórmulas rígidas de credo.

Estudando a história da grande imigração na Nova Inglaterra na primeira metade do século XIX, Hahn ao fazer referência aos grupos de religiosos que deixavam o continente, descreve situação muito semelhante à do casal Kalley. Muitos deles, de acordo com o autor, eram “Puritanos que tinham sido membros da Igreja da Inglaterra em seu país de origem, mas que no novo ambiente tornaram-se congregacionais na forma de governo e Calvinista na doutrina” (Hahn, 1989, p. 115).

Interessante notar que não era objetivo dos Kalley estabelecerem uma igreja com denominação específica. Não registravam nem mesmo os batismos que realizavam (Rocha, 2013). Esse desinteresse por registros estatísticos perdura no congregacionalismo até os dias atuais. No protestantismo, regra geral, estatísticas são difíceis de serem analisadas por nem sempre terem continuidade.

Embora seja possível inferir que a não institucionalização esteve presente nas ideias e atitudes do médico escocês, a institucionalização não pode ser evitada. Em 11 de julho de 1858, por ocasião do batismo de Pedro Nolasco de Andrade (primeiro brasileiro a batizar-se como consequência das pregações de missionários ligados ao protestantismo nacional), se dá a consolidação da primeira Igreja Evangélica no Brasil a atuar no idioma português. Desde então, o congregacionalismo fincou suas raízes em solo brasileiro, influenciando outros grupos protestantes que aqui vieram a se estabelecer, inclusive no tocante ao culto e à ética.

Contudo, as implicações desse congregacional-calvinismo promoveram na história denominacional aproximação nas atividades práticas dos evangélicos, mas distanciamento da administração presbiteriana, tornando-se as comunidades igrejas dirigidas por assembleias democráticas, sem a constituição de liderança na tomada das decisões. Neste contexto, o pastor é o líder responsável, mas acima dele encontra-se a assembleia dos membros da igreja.

Considerações finais

Diante do exposto, pode-se dizer que o congregacionalismo reforçou historicamente a autoctonia religiosa, isto é, em que pese a pressão contrária à

atuação de seus adeptos, a partir do momento em que trabalhou com a gente do lugar, promoveu sua evangelização e educação. Entretanto, não deixou de contribuir, em contrapartida, com o assistencialismo e o paternalismo tão influentes naquela sociedade, algo presente hoje até nas políticas assistencialistas de alguns partidos políticos nacionais.

Se inicialmente o congregacionalismo, através de seus pioneiros, foi, até certo ponto, contestador da situação social, no transcorrer da sua história como denominação evangélica não manteve o mesmo discurso. É de se observar, porém, que no estabelecimento da primeira igreja evangélica no Brasil, esteve ao lado dos políticos e do poder econômico a fim de garantir liberdade de culto e outros direitos religiosos. Se em nenhum momento o evangelho deixou de ser pregado dentro de parâmetros racionais, isto indica que o público alvo do discurso era, sobretudo, a elite econômica e culta, provavelmente como estratégia para influenciar os formadores de opinião na capital do Império.

Mendonça e Velasques Filho afirmam que “numa época de formação e consolidação de Estados Nacionais, o Nacionalismo não deixava de ser um dos componentes do pensamento liberal brasileiro. Por isso, uma igreja com a maior independência possível de poder estrangeiro não deixava de ser atraente para políticos e intelectuais liberais” (1990, p. 23). Este fator, aliado a outros, interessava à elite da época. Neste ponto, houve, para um estabelecimento definitivo do protestantismo no Brasil, convergência de interesses. Os abolicionistas eram contra o clero jesuíta que mantinha fazendas com milhares de escravos. O protestantismo representava um enfraquecimento do clero romano. A importação do liberalismo, ao mesmo tempo em que as fronteiras brasileiras se abriam para a imigração e o capital estrangeiro, favorecia a defesa do protestantismo de Reid Kalley. Havia uma união de interesses e não a união em torno de um ideal evangélico, o que pode explicar o enfraquecimento ou até a inexistência de uma filosofia evangélica de libertação.

Cerca de um século mais tarde, no momento da crise política que conduziu ao golpe civil-militar de 1964 no Brasil, expressões de contestação ao regime inexisteram no congregacionalismo. Tal afirmativa justifica-se pela inexistência de críticas ao regime nos documentos oficiais da denominação. Ao contrário, títulos de matérias veiculadas no jornal oficial denominado "O Cristão" – tais como “A Função da Igreja no Mundo”, afirmando que “aos governos e suas leis devemos

respeitá-las e acatá-las até onde não colidam com as leis de nosso Senhor Jesus Cristo” (abril de 1966); “Insatisfação Estudantil”, onde se pede orações para os jovens insatisfeitos de todo mundo (insatisfação, de fato, gerada pelo fechamento de seminários e da Faculdade de Teologia de Rudge Ramos, em junho de 1968 na cidade de São Paulo); “Exclusão de 27 alunos da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente”, também motivada, segundo o jornal, por insatisfações e inquietações derivadas do liberalismo e do modernismo (agosto de 1968); “Ato Institucional nº 5 de 13 de fevereiro de 1968”, informando a promulgação deste ato legal (dezembro de 1968) – são reveladoras das posições políticas conservadoras frente aos assuntos políticos que balançavam o país.

Essa característica de não se envolver em questões políticas é comum entre grupos religiosos de diversas denominações, proporcionando certa alienação política dos fiéis e, ao mesmo tempo, maior engajamento no trabalho espiritual. Essa distinção entre o que é espiritual e o que não é faz parte da tradição dos grupos religiosos em geral e do congregacionalismo em particular. Tal dicotomia estimulará a convivência com certa ambiguidade de valores, entre o sagrado e o profano, tendo como consequência a fragilidade dos valores éticos e morais. Mas isso é assunto para outras e novas reflexões.

Referências bibliográficas

AVÉ-LALLEMANT, Roberto C. B. *Observações acerca da epidemia de Febre Amarela no anno de 1850 no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Typographia J. Villeneuve, 1851.

BONOME, J. R. *O Congregacionalismo Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Paulo, 1993.

BRAGA, Erasmo; GRUBB, Kenneth G. *The Republic of Brazil*. London: World Dominion Press, 1932.

CARDOSO, Douglas Nassif. *Robert Reid Kalley: médico, missionário e profeta*. São Bernardo do Campo-SP: edição do autor, 2001.

CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley: missionária pioneira na evangelização do Brasil*. São Bernardo do Campo: edição do autor, 2005.

CÉSAR, Salustiano Pereira. *O Congregacionalismo no Brasil*. Fatos e feitos históricos. Rio de Janeiro: Ordem dos Ministros do Brasil, 1983.

FERNANDES BRAGA, Henriqueta Rosa. *Musica Sacra Evangélica no Brasil: contribuição à sua história*. Rio de Janeiro: Kosmos Editora, 1961.

FILHO, M. Porto. *Robert Reid Kalley, apóstolo em três continentes (1: A epopeia da ilha da Madeira)*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1987.

- HAHN, Carl Joseph. *História do Culto Protestante no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1989.
- IBGE. *Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Censo, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/default_caracteristicas_religiao_deficiencia.shtm. Acesso em: 21 mar. 2018.
- LEMES, F. L. Desorganização do cotidiano: a epidemia de febre amarela na cidade do Rio de Janeiro em meados do século XIX. In: Congresso Internacional de História. Pontifícia Universidade Católica de Goiás / PUC-Go, 2014. *Anais do Congresso Internacional de História*. ISSN - 2358-7148, v. 1, n. 1, 2014, p. 119 - 137. Disponível em: <https://congressointernacionaldehistoria.files.wordpress.com/2014/09/textos-completos4.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- LÉONARD, Emile-Guilahume. *O protestantismo brasileiro*. 3. ed, São Paulo: ASTE, 2002.
- MACEDO SOARES, A. J. *Da Liberdade Religiosa no Brazil: estudo de direito constitucional*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de E. & Laemmert, 1879.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. A morte de nossos ancestrais. In: MARTINS, José de Souza. (org.) *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo, Hucitec, 1983.
- MENDONÇA, A. G; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola/Ciências da Religião, 1990.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. "Bye bye, Brasil": o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.
- REILY, Duncan A. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984.
- ROCHA, João Gomes da. *Dr. Robert R. Kalley*. Lembranças do Passado. Rio de Janeiro, Novos Diálogos, volumes I e II, 2013.
- SCHLESINGER, H; PORTO, H. *Crenças, Seitas e Símbolos Religiosos*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- SOARES, Antônio Joaquim de Macedo. *Da liberdade religiosa no Brazil: estudo de direito constitucional*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Typographia Universal de E. & H. Laemmert, 1879.
- TARSIER, Pedro. *História das Perseguições Religiosas no Brasil*. São Paulo: Cultura Moderna, 1936.
- TESTA. M. P. *O Apóstolo da Madeira*. Lisboa: Igreja Presbiteriana, 1963.
- VELASQUES FILHO, Prócoro. O Culto Protestante no Brasil. In: *Revista de Religião*, ano I, n. 2, SBC, São Paulo: Imprensa Metodista, 1990.

Recebido em 29/03/2018, revisado em 11/10/2018, aceito para publicação em 16/04/2019.